

Denúncia de Lesbofobia e Racismo na USp



Já não é a primeira vez que agressões como essa acontecem sem qualquer constrangimento. No exemplo, Diogo Sartorelli Correa escreve em redes sociais comentários misóginos direcionados a uma mulher lésbica de seu curso. Fazemos essa denúncia pública como forma de proteção depois de tomarmos conhecimento de que as agressões adquiriram caráter de ameaça. O agressor machista-racista, que conhece a orientação sexual da mulher em questão, defende a contratação de um homem para estuprá-la afim de “corrigi-la”. Como medida de prevenção, um boletim de ocorrência já foi aberto. Estamos tornando o caso público para deixar claro que não haverá omissão diante desse tipo de violência. Toda mulher deve poder frequentar a universidade sem ter a sua integridade física e moral ameaçada, e sem ser constrangida por sua orientação sexual. Junt@s, zelaremos pela segurança de nossa companheira. Uma agressão a uma mulher é uma agressão a tod@s nós.

Os casos de opressão às mulheres lésbicas devem ser encarados como dupla opressão, porque envolvem ao mesmo tempo, sobre a mesma mulher, machismo e homofobia. A visão comum de que entre homossexuais existem “ativos” e “passivos” vem de uma estrutura heteropatriarcal que divide os papéis entre homem-ativo e mulher-passiva. Logo, entre duas mulheres só pode haver “passividade”. Nesse contexto, o estupro corretivo parte do pressuposto de que é preciso “dar um jeito” neste “erro” que é a mulher lésbica. O que está implícita nesta visão é a completa anulação da mulher enquanto indivíduo com aspirações e desejos próprios; é o ódio de não aceitar que a mulher não seja um anexo dependente do homem, disponível para a satisfação de seus prazeres e descartáveis quando não cumprem esta função. O estupro corretivo é a causa do sofrimento e humilhação de mais 500 mil mulheres sul-africanas por ano. Apesar de no Brasil as discussões sobre esta forma grotesca de tratamento à mulher lésbica serem muito insipientes e de, por vezes, nos atermos mais

aos casos de países onde o problema é mais aparente, este insulto à dignidade lésbica é prática recorrente também entre nós.

E para fechar o ciclo de preconceitos, o agressor reproduz a lógica racista, de que para cumprir este crime nada melhor do que um homem negro, como se um homem branco fosse incapaz de cometer tamanha barbaridade. O comentário trabalha com a imagem de um homem negro viril cuja sexualidade é violenta e beira a incivilidade. De acordo com o agressor, essa figura estereotipada (fruto de uma herança escravista vergonhosa) existiria por aí para servir ao mando de um branco e cometer qualquer crime por alguns trocados. A ameaça foi feita por Diogo, que é branco, e é por ele que nos sentimos ameaçadas.

Você pode estar se questionando se isso tudo não é um exagero. Afinal, foi só um post inofensivo no twitter... Pois não, não foi. Primeiro, porque são estas ações que difundem ideologias nefastas do machismo, racismo e homofobia e que criam um ambiente de conforto e impunidade para que outras agressões ocorram. Em segundo lugar, se a mulher em questão se sentiu agredida então o post constituiu sim uma violência. Nos opomos a uma tentativa de teorização do machismo que o divide em objetivo (no caso da violência física) e em subjetivo (no caso de não haver contato físico e a agressão ser uma mera questão de ponto de vista). Agressões simbólicas ou físicas existem concretamente e não devem ser reduzidas a relativismos.

É recorrente a naturalização do estupro por meio de pretensas piadinhas. Recentemente o humorista Rafinha Bastos, em uma de suas apresentações no Comedians Comedy Club afirmou que as mulheres feias que são estupradas deveriam agradecer, e não reclamar. Apesar das generalizadas manifestações de repúdio até agora o humorista não se retratou, amparado numa idéia torta de liberdade de expressão e de um humor sem barreiras. Rafinha Bastos nos deu um demonstrativo de como a piada a qualquer custo pode ser perigosa e, ao invés de divertir, pode ridicularizar, discriminar e humilhar. Somos a favor da liberdade de expressão, contanto que isso não signifique o fomento a violência ou que atrepele o direito à dignidade do outro.

Não seremos subjugadas pela “liberdade de oprimir” de um homem branco, heterossexual. Não estamos dispostas a voltar para o armário. Nosso lugar é também nas salas de aula, nas ruas e fazendo política. **NENHUMA AGRESSÃO FICARÁ SEM RESPOSTA!**

Grupo Diversidade Sexual da USP (DS-USP) e Coletiva Fuxicaria Feminista.